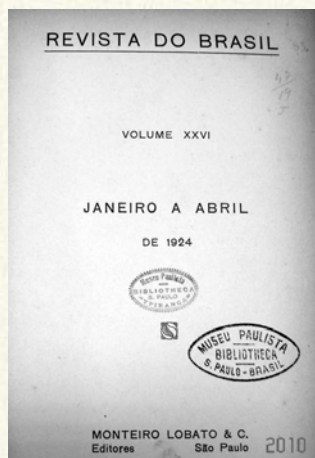


José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

Revista do Brasil

**MATO GROSSO ATRAVÉS DA SUA
LITERATURA**
(pag. 354-357)



— Ano IX, Volume 25, n° 104, Agosto, 1924 —
Editora Monteiro Lobato & Cia.
São Paulo

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/byjmesquita.htm>

MATO GROSSO ATRAVÉS DA SUA LITERATURA

Publicamos abaixo alguns excerptos da conferencia realizada no “Centro Matto-grossense” do Rio de Janeiro pelo nosso collaborador Dr. José de Mesquita, Presidente do Centro de Letras, de Cuyabá, de passagem pela Capital da República:

.....

“Data mais ou menos de uma década o phenomeno que para melhor caracterisal-o chamarei a Renascença literária em Matto Grosso. Não vai ahi, porem, senhores, propósito de correr sobre o passado a esponja do esquecimento para só fazer resahir como valioso e meritório o trabalho da geração presente. Em Matto Grosso as letras não são novidades destes últimos tempos e longe de mim fazer crer que sejam ellas cultivado só agora iniciado entre nós. Absolutamente não. Quem possui nomes como os de P. Siqueira e o Cônego Guimarães, Melgaço e João Augusto Caldas, Ramiro e P. Ernesto, Veiga Cabral e Pádua Fleury (André), Mendes Malheiros e Corsino Amarante, José Thomaz e Amâncio Pulcherio, para citar apenas os nomes mais em relevo em cada ramo dos conhecimento – história, direito, sciencias ou bellas letras – não precisa, positivamente, de outras láureas que as que de direito lhe pertencem. Desde os tempos coloniaes Matto Grosso jamais deixou de possuir letrados e intellectuaes. Está claro que elles não eram poetas ou jornalistas á maneira pela qual hoje concebemos semelhantes plumitivos. Foram, sim, singelos chronistas de nossa vida incipiente, curiosos observadores da nossa natureza prodigiosa, ingênuos narradores de historias de monções e roteiros primitivos.

A essa phase pertencem os Barbosa de Sá, José Manoel de Siqueira, Costa Siqueira e outros. Só em 1839, com o apparecimento da imprensa no governo Pimenta Bueno, é que principia a affirmar-se em traços mais característicos, o pendor

literário da nossa gente. Surgem, com pouco, polemistas, satyricos, historiadores, poetas e estudiosos de todo gênero. Precisa-se, então, um novo estágio da evolução de um povo que, segregado do resto do mundo pela falta de communicações, isolado da communhão pátria, tem offerecido o confortador espectáculo de uma admirável resistência no sobrepujar todos os factores de decadência que o assediam. É notável e digno de registo este phenomeno: vivendo quase fora da civilização, de que só ha um decênio nos chegaram os primeiros surtos, com a ponta dos trilhos da Noroeste nos ermos pantanaes de Porto Esperança, existe, entretanto, a arder, como uma pyra sagrada de Vesta, no espírito de nossa gente, um largo sopro de idealismo, creador, fazendo dos nossos homens de letras verdadeiros sonhadores em cujo seio a rudeza do ambiente cósmico jamais pode extinguir a flamma do ideal que vivifica e alenta.

Das tradicções literárias de nossa terra, na phase de transição entre o período primitivo e o actual, ficaram nomes laureados como, para só fallar dos que já se foram, os de Vieira de Almeida, prosador sem jaça no estylo e de elevada inspiração; José Delfino, João Leocádio, Luiz Theodoro, Rodrigues Calhao, José Thomaz, Flavio de Matos, F. Catharino, poetas e artistas filiados á escola do romantismo, que tão profundo sulco imprimiu em nossas letras; Antonio Corrêa, polygrapho e jornalista dos mais brilhantes e ardorosos do seu tempo; Luiz Falcão e Aquilino do Amaral, oradores, que marcaram época nos nossos fastos forenses e parlamentares: Frederico Prado; os dois Murtinhos, Joaquim e Manoel, das mais legitimas glorias do nosso Estado, sendo o primeiro antes um nome nacional, estadista d’escol e pensador, cujo estylo, mesmo atravez dos relatórios officiaes, encanta pela naturalidade e poder persuasivo de que se reveste.

A nossa actual phase de evolução literária data aproximadamente de 1910 para cá, sendo que desde ahi entram as letras a frondejar e expandir em terras de Matto Grosso.

.....

Começa a aparecer nas páginas do “Matto-Grosso” o cantor por excellencia da “Terra Natal”, o poeta que orientou a nova geração para o sadio regionalismo, haurido na observação das bellezas de nossa terra e das grandezas de nosso Passado. Não sou eu quem assim o diz: no seu excellento livro, que é a melhor obra que se tem escripto ultimamente acerca de nosso Estado, Virgilio Corrêa Filho deixou bem assignalado esse relevante papel de D. Aquino como *leader* de nova poesia matto-grossense.

Ouvi um dos seus bellos sonetos, já que a mingua de tempo me obriga a restringir as citações, privando-vos assim justamente do que melhor poderia offerecer-vos nesta conferencia:

VÉU DE NOIVA

D. Aquino Corrêa

Furna immensa cavada até as bases
Graníticas da serra. Ao longe, em frente.
Vastíssimo amphitheatro surprehendente
De montes azulados e fugazes.

Embaixo, o abysmo verde, um grande oásis,
Sempre em flor, onde, altíssima a torrente
Do rio salta e ondula, alvinitente.
Qual véu de noiva, em vaporosas gazes.

Silencio. Só se escuta a crystalina
Onda a cantar, em tremula surdina.
Um longo epithalamio ao sol dourado.

Assim foi que, num píncaro de serra,
Quis Deus perpetuar, ó minha terra,
A festa virginal do teu noivado!

Dos nomes que illustram a nossa actual geração de poetas mister é que se destaquem Lamartine Mendes, Oscarino Ramos, Soter de Araújo, Allyrio de Figueiredo, Leônidas de Mattos,

Franklin Cassiano, José Vilá, Antonio Tolentino de Almeida, Ulysses Cuyabano, João Nunes, Luiz Feitosa, Augusto Cavalcanti e Octávio Cunha, estes dois últimos filhos do Norte, mas tão ligados á nossa terra que pertencem pode se dizer ao nosso patrimônio intellectual.

NOITE DE ESTRELLAS

Lamartine Mendes

A noite cáe. O espaço se perfuma
Das essências que o vento na aza encerra
No alto, ao abrir dos manacás na terra,
Abrem rosas de fogo, uma por uma . . .

A cachoeira soluça sob a espuma
Que, alva e sem rumo, a flor dos flancos lhe erra.
Monstruosa cathedral informe, à serra.
O perfil arrogante alteia e apruma.

Batiam nos ares luminosos rastros,
E é tal a confusão de insectos e astros,
Broflando de ouro e alendorado véu

Que olhando o azul e as luzes que o povoam
Não sei bem si as estrellas é que voam,
Si os vagalumes é que estão no céu.

S. JOÃO

Oscarino Ramos

Friburgo. Noite de S. João. Neblina
Que rosário de sonhos ao teu lado
Sinto, vendo emergir, lindo e corado,
Dentre pelles, teu rosto de menina.

Fico, como num sonho de morphina,
Lerdo, sonhando, a te fitar calado. . .
Deixa-me assim. . . Este momento alado
É o resumo feliz da minha sina.

S. João. . . Quanta poesia pela terra!
A lua sobe por detraz da serra. . .
Que frio! Cae uma garoa fina. . .

Nas minha mãos as tuas de velludo
Aperto. E fico a olhar, parado e mudo,
O teu risonho rosto de menina.

MEU SONHO

Soter de Araújo

Soltei para a azulineio das alturas
O meu primeiro sonho mensageiro,
Na esperança de ver feito venturas
O sonho deste arauto aventureiro;

E quedei-me a esperar, horas maduras
Mirando o firmamento prazenteiro,
Ancioso em ver librando as azas puras
De volta o sonho meu branco e ligeiro.

Inda estou à esperar, olhos voltados
Para os longes do ceo ruborizados
Á luz sanguínea do morrer do sol. . .

Talvez, meu sonho, voltes dentro em breve,
Talvez! Quem sabe si é teu corpo leve
Que está queimando o fogo do arrebol! . . .

A NUVEM

Franklin Cassiano

Gosto de ver do dia á luz mortiça e escassa
A cerúlea nudez da esphera constellada,
Manchada aqui, ali, de flocos de fumaça,
A correrem, gentis, ao sopro da lufada.

Uma nuvem que vai. . . Meu pensamento a abraça.
E sinto que ella vive e sofre, a desgraçada.
A vagar, a vagar, até que se desfaça
Em gotas de crystal sua alma atribulada

Ha uma alma que vibra em tudo e se resume
Na harmonia do som, na cor e no perfume,
No abjecto paul e na pureza extrema. . .

E quem sabe? Talvez a pobre nuvem seja
Um sonho, uma illusão que pelo céu adeja
Na incontida avidez da perfeição suprema!

GLORIA

Allyrio de Figueiredo

Gloria ao seio, que é pão; gloria ao ventre que é ninho;
Gloria á esperança e a fé; gloria ao humilde e opprimido;
Gloria ao som immortal do primeiro vagido
E aos braços, feitos cruz, para o amor e o carinho.

E ao que abriu no deserto o primeiro caminho;
Gloria ao sementeiro, gloria ao desprotegido,
Ao justo, ao poeta, ao heroe, ao martyr, ao vencido,
Eao que a estrada trilhou da amargura e do espinho;

Gloria ao verso e ao cinzel, gloria á crença illusória;
Gloria á prece e ao perdão; gloria ao beijo que encerra;
A perfeição; e gloria ao mármore esculpido;
Gloria maior, porem, mais do que a tudo, gloria,

Gloria á piedosa pá que abre o seio da terra
Para o leito final da inconsciência e do olvido!

A ESPERANÇA

Octávio Cunha

Verdes mares beijando a aza branca do sonho
Que vai na rota azul de uma enseada bem dita!
Os destertos suaviza. . . Ao cárcere medonho
Desce. . . e a alma eleva a Deus para a crença infinita.

A esperança. É a patena onde o affecto deponho.
O ermo povoa. . . A dor aplaca. . . O céu limita. . .
É a bençã que allivia o martyrio tristonho. . .
O lampejo de fé que a pátria ressuscita!

A água-santa que lava a negra cor das pragas. . .
A esmola que abre o céu da bemaventurança. . .
O naufrago a lutar pela vida entre as vagas...

Mansuetudes de Christo entre espinhos e lança!
A paciência de Job — sob o fogo das chagas. . .
Aí de nós, meu amor! Si não fosse a esperança!

Depois de referir-se aos modernos cultores da prosa em
Matto Grosso, o conferencista encerra o seu trabalho com as
seguintes palavras:

“Matto Grosso que até ha pouco era, por assim dizer, uma
ficção geográfica, affirma-se hoje, em contornos nítidos de
progresso, esboçando-se já, atravez da indecisão da hora presente,
a luminosa grandeza do seu futuro.

Reserva econômica da Pátria, elle será também a sua
reserva intellectual e moral; quando se exgottar, esfalfada, essa
literatura do Urbanismo, que canta os sortilégios da civilização,

literatura de *jazz-bands* e cinemas, de alma cosmopolita e pouco
brasileira, então é que, no casto esplendor da sua belleza virginal,
pura como a *yara* dos nossos rios, triumphará a literatura
sertaneja, nacional nos costumes, nas descrições, no phraseado,
espelhando as bellezas da nossa vida rústica, da província e do
sertão, onde, no dizer expressivo de Affonso Arinos, se vai
tecendo a rede de solidariedade da população brasileira.

Até lá — trabalharemos, cheios de esperança e de fé —
essas duas supremas forças propulsoras de todo o progresso
humano — alentados por um ideal único, uma suprema aspiração:
a grandeza de nossa terra natal, desse Matto Grosso querido que
quanto mais longe o temos de nossas vistas mais vivo e palpitante
o sentimos dentro do nosso coração. . .”

In: *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, Volume 25, nº 104, Agosto,
1924, p. 354-357.